

# Estudo de Caso sobre o Empreendedorismo Educacional na Madeira

**João Manuel de Lemos Baptista**

Centro de Estudos Globais – Universidade Aberta | joaolemosbaptista@hotmail.com

ORCID: 0000-0003-1391-2095

**Resumo:** Este artigo científico reflete um estudo de caso sobre o empreendedorismo educacional realizado entre os meses de janeiro a maio na Região Autónoma da Madeira. Consistiu na realização de uma entrevista por questionário *online*, no *google forms* e dirigido a todos os Professores dos diversos graus de ensino. A metodologia adotada compreendeu uma análise documental baseada em trabalhos de investigação sobre a educação empreendedora, aplicação de um questionário com questões fechadas, cuja amostra foi de 310 professores, análise quantitativa e qualitativa a nível do tratamento da informação recolhida e utilização da escala de Likert. O estudo de caso evidencia que os professores estão interessados em obter formação na área do empreendedorismo educacional, pois 97 % - 296 professores consideram importante este tipo de formação e 89 % - 275 professores responderam que estão interessados em fazer formação nesta área do conhecimento. Por outro lado, também ficou demonstrado que 55,8 % - 173 professores concordam totalmente, com a existência de uma disciplina com conteúdos sobre o empreendedorismo a partir do 2º ciclo de escolaridade, 23,9 % - 74 professores concordam e 16,1 % - 50 professores não concordam nem discorda.

**Palavras-chave:** educação, empreendedorismo, progresso, inovação e sucesso

**Abstract:** This scientific article reflects a case study on educational entrepreneurship conducted between January and May in the Autonomous Region of Madeira. It consisted of an online questionnaire interview, using Google Forms, directed at all teachers at various levels of education. The methodology adopted included documents analysis based on research papers on entrepreneurial education, application of a questionnaire with closed questions to a sample of 310 teachers, quantitative and qualitative analysis in terms of processing the collected data, and use of the Likert scale. The case study shows that teachers are interested in training in educational entrepreneurship, as 97% (296 teachers) consider this type of training important, and 89% (275 teachers) responded that they are interested in training in this area of knowledge. On the other hand, it was also demonstrated that 55.8% - 173 teachers totally agree with the existence of a subject with content on entrepreneurship from the 2nd cycle of schooling, 23.9% - 74 teachers agree and 16.1% - 50 teachers neither agree nor disagree.

**Keywords:** education, entrepreneurship, progress, innovation and success

## Introdução

O empreendedorismo educacional está relacionado com a aplicação dos princípios empreendedores no contexto da educação, nos seus diversos graus de ensino. Este envolve a procura de momentos que promova a inovação, a criatividade, o pensamento crítico dos alunos e que sejam proativos mediante qualquer desafio que surja no dia a dia. Para a sua concretização, é necessário introduzir no sistema educativo estratégias educativas que melhore o ensino em geral e as aprendizagens dos jovens em particular, assim como proporcione soluções educacionais mais eficientes para a resolução dos problemas que eventualmente possam surgir nas escolas e/ou nas instituições de ensino superior ou na própria sociedade.

Esta problemática da educação empreendedora exige que os professores sejam empreendedores e para tal é fundamental facultar formação aos docentes permitindo que estes não se limitem ao ensino na sala de aula, mas também procurem formas de melhorar e ampliar o seu impacto a nível da educação, preparando as crianças e os jovens para os desafios que a globalização tem proporcionado, bem como os problemas que afetam toda a humanidade, como as alterações climáticas, as migrações, os efeitos da inteligência artificial, entre outros.

Com este trabalho de investigação pretendo sensibilizar os professores para a importância do empreendedorismo nas diversas instituições de ensino (desde o 1º ciclo ao superior), assim como os governantes responsáveis pela Educação na Madeira, para a inclusão de conteúdos relacionados com o empreendedorismo nos currículos, visando uma melhor preparação dos alunos para o futuro, tendo em consideração as mutações que estão a ocorrer no dia a dia e que exigem de todos nós respostas efetivas e apropriadas a cada realidade local, regional, nacional e internacional.

Para tornar o estudo mais consistente foi realizada uma pesquisa bibliográfica exaustiva em relação ao empreendedorismo educacional e que está refletida no estado da arte e por outro lado, a elaboração de uma entrevista por questionário dirigida aos professores dos diversos graus de ensino no sentido de obter uma maior perceção quanto à formação dos docentes e a visão dos mesmos no tocante à implementação de conteúdos sobre o empreendedorismo nos currículos/programas, cuja amostra é de 310 = 5,3%, num total de 5.800 Professores de toda a Região Autónoma da Madeira.

As conclusões do estudo de caso demonstram que os Professores estão dispostos a fazer formação na área do empreendedorismo educacional (89,7 % dos inquiridos – 275 professores) e que 97 %, ou seja, 296 professores consideram importante que todos tenham formação a nível do empreendedorismo, assim como 79,7 % - 247 professores concordam com a existência de uma disciplina que contenha conteúdos relacionados com o empreendedorismo.

### 1. Estado da arte

O termo “empreendedorismo” é uma tradução da palavra inglesa “*entrepreneurship*”, derivada do latim “*imprehender*”, que significava (por volta do século XV) uma empresa

laboriosa e difícil, ou ainda a expressão: colocar em execução (Cunha, 2008 & Cruz Júnior, 2006). A palavra empreendedor (*entrepreneur*), tem origem francesa e, somente no final do século XVII e início do século XVIII, foi utilizada para designar a pessoa que criava e conduzia projetos ou empreendimentos (Schmidt; Bohnenberger, 2008).

A educação para o empreendedorismo diz respeito aos processos de ensino-aprendizagem que qualificam pessoas e equipas para a inovação social, habilitando-as para a criação de produtos e serviços com impacto na transformação de situações problemáticas (Jardim, 2021:42). Segundo Eurofound (2015), a educação para o empreendedorismo não deve ser confundida com o assunto dos negócios em geral nem com os estudos económicos, uma vez que o seu objetivo primordial é a promoção da criatividade, da inovação e do autoemprego. Para uma melhor compreensão do empreendedorismo na educação é importante definir dois conceitos fundamentais: o empreendedorismo e o empreendedor.

Segundo Jardim (2022:107), o empreendedorismo é um processo de criar e desenvolver produtos, serviços ou organizações originais e de valor e pressupõe a descoberta e exploração de uma oportunidade num setor da atividade humana, como, por exemplo, da indústria, da tecnologia, da cultura, das artes, da saúde ou da política. A inovação que está subjacente à origem do processo empreendedor é a fonte do dinamismo socioeconómico e das transformações que ocorrem nas sociedades, principalmente, nas sociedades mais desenvolvidas. São várias as abordagens teóricas ao termo empreendedorismo, provenientes de campos disciplinares diversos, o que tem tornado algo difusa a sua conceptualização, e dificultado uma ideia consistente a seu respeito (Porfírio, 2019).

Para Jardim (2022:106) o empreendedor é a pessoa que inicia uma organização ou que transforma uma já existente, que desenvolve novos produtos ou serviços, novos processos ou novos mercados e pressupõe a capacidade de reconhecer oportunidades, assumir riscos calculados e perseverar na superação das dificuldades inerentes à concretização das ideias originais e de valor.

Uma questão importante a abordar é a identificação dos “potenciais empreendedores” que embarcarão neste tipo de educação. Quanto à questão de saber se os empreendedores nascem ou são feitos (Freire, 2015), a resposta é que podem ser feitos, mas, tal como um aprendiz de pianista tem de desenvolver a sua destreza muscular, a sua visão e, acima de tudo, a sua audição, um empreendedor tem de desenvolver as suas competências e capacidades, tanto a nível pessoal como profissional (Uribe-Toril, 2008).

No sentido de obtermos uma melhor perceção da educação para o empreendedorismo é necessário ter em conta determinados critérios que integram esta área do ensino, numa abordagem sólida e conclusiva. De acordo com Gibb (2011), Eurofound (2015) e Fayolle & Degeorge (2019), os critérios mais importantes são:

- i) definição precisa dos objetivos a atingir, das competências a desenvolver e dos resultados a alcançar;
- ii) progressão do processo de ensino-aprendizagem ao longo de todos os níveis de educação;

iii) integração do ensino do empreendedorismo nos currículos das diferentes áreas do saber;

iv) abordagens interdisciplinares, segundo a lógica da aprendizagem cooperativa, o que torna evidente para os alunos a interligação dos conteúdos programáticos aprofundados nas diferentes áreas do conhecimento;

v) tornar a educação para o empreendedorismo acessível a todos os estudantes.

Na educação empreendedora, o ensino é construído como algo além da transferência de informações e conhecimentos, o professor é responsável apenas por conduzir o processo de autoaprendizagem, por orientar, coordenar e, sobretudo, apoiar os estudantes em direção ao controle da situação experimentada (Saes; Pita, 2007; Dolabela, 2008; Nielsen; Stovang, 2015; Rahman; Day, 2015 & Seikkula-Leino, 2015).

O objetivo da educação empreendedora é fazer com que o educando seja autônomo, que possa fazer as suas próprias escolhas, de modo a fortalecer o seu projeto de vida, tornando-se um sujeito ativo na construção do desenvolvimento social (Santos, 2012). Trata-se, segundo Tavares (2013), da instrumentalização do estudante para realizar as suas escolhas e contribuir para o fortalecimento do seu projeto de vida. É, portanto, um processo que consiste em estimular o jovem a procurar o desenvolvimento das suas habilidades e competências, robustecendo a sua liberdade, para que possa decidir sobre o seu próprio futuro.

É imperativo na educação para o empreendedorismo que todos os estudantes dos diversos graus de ensino possam obter conhecimentos que se enquadram numa cultura empreendedora, como ser inovador, criativo e proativo, dispor de uma motivação intrínseca e flexibilidade perante os acontecimentos que ocorrem no dia a dia, assim como comunicar, decidir e liderar de forma eficaz e agir com determinação, mesmo em situações de dúvida, com o objetivo de reconhecer e aceitar as oportunidades que vão emergindo em cada momento. Para que este processo seja consequente e tangível impõe-se desde o pré-escolar dispor destas competências, com estratégias e linguagens distintas em cada grau do ensino, como se verifica com o Projeto de Educação para o Empreendedorismo e Cidadania que tem programas diferenciados para os diferentes níveis de ensino, desde o pré-escolar até ao 12º ano de escolaridade (Jardim, 2021:45).

A escola é considerada um espaço primordial para dinamizar o empreendedorismo, isto porque o lugar ideal para os estudantes adquirirem conhecimentos, experiências e aprendizagens que irão levar para a sua vida, seja como formação individual ou profissional. Por isso, a escola é vista como um importante ambiente de possibilidades para desenvolver ações e partilhar saberes, onde as práticas criativas estão ligadas às teorias inovadoras, proporcionam aos alunos um enorme potencial e permitem que estes atinjam as finalidades desejadas ou previamente delineadas.

Na implementação de uma educação empreendedora nas escolas, as comunidades educativas têm um papel fundamental, atendendo a que é o órgão mais agregador e

representativo de todos os sujeitos que fazem parte do processo educativo desenvolvido na escola. Os membros das comunidades educativas analisam as suas necessidades e potencialidades, mormente ao nível das pessoas, das ofertas curriculares, da gestão do tempo e dos espaços, da organização de atividades, da avaliação dos resultados conseguidos e da inserção no contexto sociocultural (Galinha et al., 2016; Alonso (2019) e Pereira et al., 2019).

Numa escola empreendedora, os Professores fazem toda a diferença se assumirem uma atitude inovadora e se procurarem inculcar nos próprios alunos competências como a criatividade, a liderança, a diferenciação, a autoconfiança e a capacidade de sonhar (Jardim, 2021:65). A educação para o empreendedorismo é um campo, por excelência, do avanço e desenvolvimento das sociedades, revelando-se um fator desencadeador do crescimento económico, da coesão social, do sucesso organizacional e da realização pessoal (Jardim & Franco, 2019; Sarkar, 2014; Timmons, 1989). É durante o processo de aprendizagem que os alunos sentem que é fundamental aprender e, descobrem quão é importante obter conhecimentos e também pensar por si próprios, sugerindo muitas vezes ideias inovadoras e fundamentais para o seu crescimento como seres racionais e criativos.

Para Gomes (2017), implantar essa temática no currículo escolar da educação básica poderia estabelecer uma relação positiva entre empreendedorismo e desenvolvimento económico e social, dada a necessidade de uma transformação cultural, capaz de desenvolver uma perspetiva empreendedora em toda a população.

No mundo cada vez mais global e suscetível de mudanças sociais, económicas, políticas e tecnológicas, o empreendedorismo nas escolas e nas instituições de ensino superior deve constar nos programas curriculares de modo a que no futuro todos os indivíduos possam estar munidos de ferramentas inovadoras e criativas para ultrapassarem os problemas que as sociedades lhes vão colocando e prepará-los para a era das novas tecnologias e da inteligência artificial.

De acordo com Jardim (2021:73-74) (...) pela exigência de todos os profissionais possuírem competências empreendedoras, em termos globais, pretende-se, através da educação para o empreendedorismo, atingir as seguintes finalidades:

Reforçar o potencial de empregabilidade, permitindo o acesso a formações específicas e de carácter prático nos diversos domínios do empreendedorismo, nomeadamente, o empreendedorismo social, o empreendedorismo tecnológico, o empreendedorismo cooperativo, o empreendedorismo local e noutros domínios de interesse;

Desenvolver competências, atitudes e processos inovadores, criativos e proativos de autoemprego, potenciando e maximizando os conhecimentos teóricos, científicos e experienciais adquiridos anteriormente;

Dotar os estudantes de ferramentas que os habilitem a concretizar os seus projetos profissionais e a desenvolver organizações promotoras de produtos e de serviços inovadores, disponibilizando-se para isso, recursos técnicos e estruturais para que iniciem com sucesso os seus projetos empreendedores;

Possibilitar o confronto e o diálogo com figuras empreendedoras que constituam modelos inspiradores para quem deseja assumir um itinerário profissional marcado pela atitude empreendedora.

Para colaborar no crescimento económico, na coesão social e na autorrealização das sociedades é importante valorar o empreendedorismo como alavanca fundamental na aculturação de todos os cidadãos. Neste sentido, verifica-se que é uma preocupação constante da Comissão Europeia, que nos vários sistemas de ensino dos países da União Europeia faça parte uma cultura empreendedora e que esta deve começar nos primeiros níveis escolares de cada aluno, valorizando os seus talentos e formas diferenciadas de pensar e agir.

De acordo com Relatório de Inteligência do SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (2022), sobre a importância do empreendedorismo nas escolas destacamos o seguinte: Apesar do protagonismo noutros ambientes, o empreendedorismo ainda não tem espaço consolidado nas escolas brasileiras. Ao preparar os cidadãos para conviver em sociedade e se profissionalizar futuramente, as escolas têm como desafio aprimorar a formação dos alunos para o mundo do trabalho, independentemente de terem negócio próprio ou não. A importância da educação empreendedora está vinculada à mentalidade que ela ajuda a desenvolver, especialmente a ideia de que o profissional não é necessariamente associado a uma habilidade específica, como escrever ou fazer contas, mas sim as capacidades multidisciplinares. Neste âmbito, o relatório evidencia as seguintes possibilidades oferecidas à educação empreendedora:

- Fornecer senso de otimismo para os futuros profissionais;
- Formar pessoas autônomas e confiantes no seu trabalho;
- Saber lidar com imprevistos e desafios complexos;
- Estar disposto a correr riscos, sempre se preparando para situações futuras;
- Ampliar a busca pelo conhecimento e solução de problemas;
- Fomentar as habilidades de comunicação, geração de ideias e estratégias;
- Aumento de repertório para criar e gerir projetos de forma integrada;
- Desenvolver a empatia e inteligência emocional na resolução de conflitos para o trabalho em equipe bem-sucedido e superação de desafios;
- Ampliar atitudes de organização, responsabilidade e participação;
- Estruturar uma base sólida para o aluno sentir confiança nas tomadas de decisão, seja profissional ou pessoal.

O SEBRAE em 2015 ao rever os seus referenciais educacionais, fortalece e reforça o compromisso de trabalhar conteúdos educacionais de forma contextualizada, revelando as suas dimensões conceituais, científicas, históricas, económicas, ideológicas, políticas, culturais e educacionais, o que exige da instituição uma nova forma de trabalho pedagógico, que dê conta desse desafio. Sendo, portanto, os referenciais educacionais instrumentos norteadores para a elaboração de produtos de capacitação de diferentes formatos e modalidade (Wickert, 2016, pp. 22-23). Todas as metodologias educacionais desenvolvidas

pela instituição têm como premissa, os quatro pilares da educação: o saber conhecer, saber fazer, saber ser e saber conviver - UNESCO, que fortalecem os processos educativos e o desenvolvimento de competências de natureza cognitiva, atitudinal e operacional (SEBRAE, 2015).

O empreendedorismo tem sido muito discutido nas últimas décadas, principalmente nos países mais desenvolvidos e nos BRICS. Os responsáveis pelas políticas na Europa e nos EUA acreditam que é necessário estimulá-lo para atingir níveis elevados de crescimento económico, de progresso e inovação. Um dos pilares desse processo é a educação empreendedora, que tem como objetivo fomentar a iniciativa empreendedora e os seus efeitos positivos em indivíduos, empresas, regiões e países, preparando os empreendedores com as habilidades, recursos e competências necessárias para alcançar esse propósito (Rocha et al., 2023). Em 2017, o relatório *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) recomendou às instituições educacionais e académicas o desenvolvimento de programas de empreendedorismo, desde o estágio escolar até ao universitário, sugerindo que o empreendedorismo jovem, para adolescentes em idade escolar, tenha a orientação de professores, executivos e estudantes universitários (GEM, 2018).

Os Estados Unidos, têm o empreendedorismo como parte da sua história e cultura e a educação empreendedora para crianças e jovens tem recebido muita atenção por parte dos responsáveis pelo Ensino naquele país. O programa oferecido pela *Hawken School* a adolescentes, destaca na sua definição, a utilização do empreendedorismo como um meio para proporcionar aos estudantes a aprendizagem de habilidades do século XXI, como resolução de problemas, colaboração e pensamento crítico (Greene et al., 2015).

Fellnhofner (2019), na sua revisão de literatura sobre a educação empreendedora, constatou que a pesquisa sobre este tema ainda está concentrada na educação superior, especialmente em escolas de administração, havendo uma omissão em relação à educação empreendedora direcionada para as crianças, estudantes do ensino médio, para os imigrantes, entre outros.

O objetivo 4 dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) sobre Educação de Qualidade afirma que uma das suas metas é “aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive, competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo” (Organização das Nações Unidas, 2015:23).

Em função das pesquisas realizadas sobre a educação empreendedora, esta teve a sua origem no nível do ensino universitário. Após a Segunda Guerra Mundial, foi criado em 1945 nos EUA o primeiro curso de empreendedorismo pela *Harvard Business School*, (Vesper & Gartner, 1997). Nas décadas seguintes surgiram programas em cursos de negócios de universidades do Canadá, Escócia e Austrália (Mcmullan & Long, 1987), além do Reino Unido, envolvendo o apoio para a abertura de empresas (Gibb, 1987). No final dos anos 90 do século passado, o incentivo ao empreendedorismo passou a ser mais discutido pela Comunidade Europeia, sobretudo, a importância de incluir o tema nos diversos níveis escolares (European Commission, 2002). O sistema educacional formava funcionários para

grandes empresas públicas ou privadas e não pessoas preparadas para terem um negócio próprio.

Ao analisar a literatura existente, verificou-se a existência de lados contraditórios das escolas de pensamento sobre o empreendedorismo e uma falta inerente de uma definição comum de empreendedorismo (Sexton & Bowman, 1984). Verificou-se um debate na aplicação de termos como educação para o empreendedorismo versus educação empresarial (Hynes, 1996; Garavan & O'Conneide, 1994a, b.) e também uma substituição de educação para o empreendedorismo por educação empresarial (Jones & English, 2004). Garavan & O'Conneide (1994, a e b) argumentam que existe uma diferença conceitual entre a educação para o empreendedorismo e a educação empresarial: a primeira tem a ver com a criação de uma atitude de autossuficiência e a segunda com a criação de indivíduos que procuram oportunidades. Mas para outros, como Gibb (1993), citado em Fank et al., (2005), os dois termos são conceitualmente iguais, mas contextualmente diferentes.

O avanço da educação empreendedora noutros níveis educacionais motivou discussões conceituais de distintas abordagens e constam na literatura. Visto que o empreendedorismo engloba tanto a identificação de oportunidades, como o trabalho por conta própria, além do estímulo às atitudes empreendedoras como a autonomia, a iniciativa e a orientação para a ação (Fayolle & Gailly, 2008), sendo estes aspetos refletidos no contexto educacional. Programas de educação empreendedora influenciam atitudes e comportamentos, tanto para estimular a carreira autónoma como para reforçar o papel do indivíduo na sociedade (Mwasalwiba, 2010). Na educação básica, programas de educação empreendedora incluem o desenvolvimento de competências como autoeficácia e proatividade (Sanchez, 2013), incentivo ao empreendedorismo social (Berglund et al., 2017), a prática de criação de empresas fictícias e venda de produtos na escola (Elert et al., 2015 & Fejes et al., 2019).

Em relação aos motivos que justificam a importância da educação empreendedora nas escolas, estão a angariação e o estímulo aos desafios sociais (Lackeus, 2015), o seu valor prático, a sua contribuição para impulsionar a prosperidade económica (Ratten & Usmanji, 2021) e o desenvolvimento de aptidões e competências empreendedoras (Motta & Galina, 2023). Segundo Sarasvathy e Venkataraman (2011), a introdução do empreendedorismo desde cedo, permite a construção de uma mentalidade empreendedora, desenvolvendo um conjunto de habilidades de raciocínio e resolução de problemas. Para Silva et al., (2021), nesse contexto, o papel do professor consiste em ser um mediador, facilitador e motivador, para que, através das estratégias pedagógicas ajustadas e alinhadas à própria realidade, ele possa estimular nos estudantes o desejo de se envolver no mundo empreendedor.

Compete às escolas e aos sistemas e redes de ensino, em função da autonomia e competências, integrar nos programas/currículos, assim como às propostas pedagógicas sugestões pelos respetivos Conselhos Pedagógicos, a abordagem de temas do mundo atual, como a problemática das alterações climáticas, as migrações e as doenças que afetam as pessoas a nível local, regional e mesmo global, de forma integrada e transversal,

contribuindo para atenuar as assimetrias entre as Regiões e dos próprios Estados, promovendo o bem-estar e a qualidade de vida de todas as sociedades.

Abordar o ensino para o empreendedorismo na escola tem sido um assunto muito recorrente e que está a ganhar o seu próprio espaço, assim como é um tema analisado pelos professores e investigadores no campo de ação da educação. Nesse sentido, Souza (2012:15) refere que “o ensino do empreendedorismo, ou de qualquer outra habilidade/competência na escola, transfere para os estudantes uma determinada conceção de mundo, de pessoa, de sociedade, e que tem o poder de formar, conformar ou deformar a consciência do aprendiz.”

Na educação empreendedora, o ensino é construído como algo além da transferência de informações e conhecimentos, o professor é responsável apenas por conduzir o processo de autoaprendizagem, por orientar, coordenar e, sobretudo, apoiar os estudantes em direção ao controle da situação experimentada (Seikkula-Leino et al., 2015).

O empreendedorismo educacional está relacionado com a aplicação dos princípios empreendedores no contexto da educação, nos seus diversos níveis. Envolve a procura de momentos que enfatiza a inovação, melhorando o tipo de ensino e proporciona soluções educacionais muito eficientes. Os professores empreendedores não se limitam apenas ao ensino na sala de aula, mas também procuram formas de melhorar e ampliar o seu impacto a nível da educação.

Jamieson (1984:19), tal como citado em Faoite et al., (2003), caracterizou a educação para o empreendedorismo como uma disciplina, afirmando que é “o ensino de competências, conhecimentos e atitudes para que as pessoas saiam e criem os seus próprios rendimentos e resolvam os seus problemas”. Scatt et al., (1998); Matlay e Mitra (2002) classificaram a educação para o empreendedorismo de três formas diferentes:

- i. Educação “sobre” a empresa (criação de consciencialização),
- ii. Educação “para” a empresa (preparação de aspirantes a empresários para a inovação);
- iii. Educação “na” empresa (formação para o crescimento e o desenvolvimento de empresários estabelecidos).

Uma vez que a educação para o empreendedorismo consiste em desenvolver a capacidade de agir de forma empreendedora, a atitude e os comportamentos são talvez mais importantes do que o conhecimento sobre como gerir uma empresa. A Comissão Europeia (2011) afirmou no seu relatório final que a educação para o empreendedorismo significa desenvolver uma cultura que é através e sobre o empreendedorismo.

As considerações anteriores refletem claramente que, no mundo contemporâneo, a educação para o empreendedorismo tem sido amplamente reconhecida como um domínio de especial importância para o desenvolvimento individual e social. Consequentemente, a aprendizagem e o ensino do empreendedorismo tornaram-se questões mais relevantes no domínio da investigação em educação para o empreendedorismo. Implicitamente, o domínio da formação de professores tem de ser preparado pelos formadores de professores para lidar com esta questão e enfrentar o desafio de formar professores para

desempenharem os novos papéis acima mencionados nas salas de aula e na escola. Como corretamente reconhecido por Jaana et al., (2010), os professores têm um papel essencial a desempenhar no reforço da aprendizagem empresarial dos alunos.

A Educação para o Empreendedorismo requer a utilização de um método de aprendizagem ativa que coloque o aluno no centro do processo educativo e lhe permita assumir a responsabilidade pela sua própria aprendizagem para experimentar e aprender sobre si próprio. Assim, os professores precisam de competências profissionais para poderem orientar os alunos ao longo do processo de aprendizagem, em vez de, como no método tradicional, comunicarem conhecimentos e informações, principalmente através de “giz e conversa” (Comissão Europeia, 2013). As investigações levadas a cabo pela Comissão Europeia (2010 e 2011) mostram que as competências e valores fundamentais ligados à educação para o empreendedorismo raramente são uma prioridade nos programas de formação inicial de professores. A criatividade não está totalmente incorporada nestes programas. Cerca de 90% dos professores afirmam que gostariam de receber mais formação sobre criatividade. Os professores sentem também que as culturas educativas e escolares não os apoiam totalmente na promoção de abordagens criativas e inovadoras da aprendizagem, limitando-se aos conteúdos que constam nos programas disciplinares.

Por conseguinte, a educação e a formação de professores têm de desempenhar um papel vital. Mas, atualmente, os preparativos para enfrentar os desafios da educação para o empreendedorismo são quase inexistentes, como assinala a Comissão Europeia (2013). No que diz respeito ao método de ensino, existe uma visão aceite de que os empresários são orientados para a ação e que a aprendizagem ocorre através da experiência e da descoberta (Pittaway & Cope, 2007).

De acordo com Gautam & Singh (2015), olhando para o futuro da educação para o empreendedorismo num mundo em constante mudança, ensinar potenciais empreendedores exige a transferência de competências empresariais para os estudantes, utilizando abordagens de ensino inovadoras e não convencionais, baseadas na ação e na prática e assim, os professores de empreendedorismo têm de estar preparados para enfrentar estes desafios. Isto pode ser efetivamente possível de duas formas, nomeadamente - (i) reforço da formação de professores para a formação inicial de futuros professores empreendedores e (ii) desenvolvimento profissional contínuo para promover a competência empresarial dos professores em exercício.

Os dados de vários casos de intervenção na formação de professores e no ensino básico e secundário (FEE-YE, 2013; SEECCEL, 2009 & ASE, 2014) indicam que a sensibilização dos professores para o empreendedorismo aumenta a probabilidade de estes se envolverem no empreendedorismo, utilizarem ferramentas e ações relevantes e estarem mais motivados para organizar atividades de natureza empreendedora. Uma abordagem global de toda a escola parece ser especialmente bem-sucedida neste domínio. Estas intervenções também incentivaram as escolas a intensificar a sua colaboração com a comunidade local, sobretudo com os empresários. Os professores também aprenderam a compreender que o empreendedorismo é relevante para todos os níveis de ensino e não apenas nas disciplinas

económicas. No entanto, a *Young Enterprise Denmark* (2013) referiu no seu estudo que o impacto nos professores que já estavam familiarizados com os conceitos de ensino e aprendizagem do empreendedorismo antes da intervenção é maior do que nos outros.

Pretende-se com o empreendedorismo educacional que as crianças e os jovens tenham instrumentos que lhes permitam ser criativos, ter a capacidade de liderança e o espírito de equipa, assim como a aptidão para planificar e gerir projetos inovadores, alcançando metas previamente definidas, de forma competente e sustentada.

Segundo Schaefer & Minello (2017), a aprendizagem empreendedora é desenvolvida por meio de experiências e vivências, impulsionada pelo desempenho do empreendedor. Neste sentido, a educação empreendedora é um processo iterativo, que resulta do trabalho interdisciplinar desempenhado pelos diversos elementos que compõem as instituições de ensino, desde o 1º ciclo até ao superior.

Conforme Hungria (2022), a área do conhecimento deve estar aberta a ousadias sublimes, relacionando o empreendedorismo à inovação, à comunicação, às táticas inovadoras e à educação coesa num aspeto holístico e multicultural, tornando-se uma ação estimulante que remete para a Antiguidade Clássica, constituindo um ambiente de divulgação, perceção, troca e partilha. Para Góis (2020), a educação empreendedora tem relação com a capacidade de inovar, deter saberes, criar, identificar e aproveitar as oportunidades, com a intenção de levar o aluno a desenvolver autonomia pessoal e profissional.

Para que ocorra a aprendizagem na educação empreendedora é necessário que aconteçam descobertas e que elas não apresentem respostas adequadas, mas tragam contribuições aos alunos e aos professores, como uma ação que promove boas condições para a formação, capacitando para a criação de oportunidades por meio da inovação (Viana Neto & Sarmiento, 2018). Os impulsionadores do empreendedorismo na educação acreditam que a modificação no sistema educativo é necessária e que, mesmo que haja a possibilidade de falhar, os riscos são sempre maiores se a escola continuar como está atualmente.

Para Martin et al., (2013), o resultado esperado de intervenções no ensino de empreendedorismo envolve: o desenvolvimento de competências (conhecimentos, habilidades e atitudes), o reconhecimento de oportunidades, e a tomada de decisões frente à incerteza e à navegação pelos processos de criação de um novo negócio. Rasmussen & Wright (2015), acrescentam, ainda, outras competências, como: saber lidar com o risco e com informações incompletas, atrair recursos, modelar negócios e liderar equipas.

Um dos temas altamente debatidos no ensino superior que tem atraído cada vez mais atenção nos últimos anos diz respeito à educação para o empreendedorismo para estudantes universitários (Santos et al., 2019; Cui et al., 2021; Wang et al., 2021). Tem sido uma séria preocupação para administradores e criadores de cursos, investigadores e decisores políticos (Rauch & Hulsink, 2015), dada a crescente importância do empreendedorismo na geração de inovação e no fomento do crescimento económico (Sutter et al., 2019). A educação neste domínio tem o potencial de impulsionar a aprendizagem dos estudantes universitários e promover a aquisição de conhecimentos, competências e

comportamentos empreendedores (Cui et al., 2021), permitindo-lhes assim atingir um elevado nível de empreendedorismo (Jack & Anderson, 1999).

O objetivo de incluir o empreendedorismo no ensino superior é promover a intenção e o comportamento empreendedor entre os estudantes universitários, e a mentalidade empreendedora tem sido considerada potencial em termos de correlação (Solesvik et al., 2013; Pfeifer et al., 2016; Nabi et al., 2018; Cui et al., 2021). Em vez de refletir o status quo, foi concebido como um estado de espírito para abordar problemas, implementar inovações, encontrar soluções, partilhar ideias e fazer a mudança acontecer, com base num espectro associado à propriedade de empresas (Nadelson et al., 2018). Pode ser moldado através da educação para o empreendedorismo, não só para refletir o pensamento dos empreendedores, mas também para permitir que outros pensem e ajam como empreendedores. No entanto, a investigação sobre qualquer ligação entre a educação para o empreendedorismo e uma mentalidade empreendedora, bem como sobre o papel da mentalidade na previsão da intenção ou comportamento empreendedor, está nas fases iniciais (Krueger, 2015 & Cui et al., 2021).

Uma meta-análise realizada por Bae et al., (2014) revelou uma correlação significativa, mas pequena, entre a educação para o empreendedorismo e a intenção empreendedora, indicando a necessidade de controlar outras variáveis que possam afetar a eficácia da educação. Embora se tenha demonstrado que a motivação para a aprendizagem afeta as experiências dos estudantes universitários (National Survey of Student Engagement, NSSE, ver Kuh, 2001), a forma exata como beneficia da aprendizagem do empreendedorismo permanece pouco clara (Hytti et al., 2010). Para além da frequência do currículo e da atividade extracurricular, a exposição prévia ao empreendedorismo também demonstrou aumentar a intenção empreendedora (Chlosta et al., 2012), nomeadamente através da mudança de atitudes (Krueger et al., 2000; Zapkau et al., 2015). Seria, portanto, útil avaliar a motivação para a aprendizagem e a exposição ao empreendedorismo como fatores contextuais da educação para o empreendedorismo.

Apesar do número crescente de estudos empíricos que exploram a educação para o empreendedorismo, a mentalidade empreendedora e a intenção empreendedora, permanece uma lacuna no que diz respeito à forma como a educação para o empreendedorismo afeta os dois últimos simultaneamente. Até agora, os resultados parecem ser heterogêneos (Cui et al., 2021), levando assim a uma falta de generalidade (Wang et al., 2021). Dado o reforço do foco na mentalidade empreendedora na validação do empreendedorismo (Daspit et al., 2021), deve-se naturalmente reconhecer o seu poder na explicação do mecanismo pelo qual a educação para o empreendedorismo afeta os comportamentos empreendedores.

A educação para o empreendedorismo tem como objetivo desenvolver as intenções empreendedoras dos estudantes (Li e Wu, 2019). Como o preditor ideal do comportamento empreendedor (Krueger et al., 2000), a intenção empreendedora tem sido destacada nas investigações da sua relação com a educação para o empreendedorismo (Zhang & Huang, 2021). Estudos empíricos identificaram os mecanismos através dos quais a educação para

o empreendedorismo promove intenções empreendedoras (Nabi et al., 2018). Primeiro, através dos seus cursos e programas, permite que os alunos aprimorem os seus conhecimentos, habilidades, atitudes e até mesmo qualidades pessoais empreendedoras (Wu et al., 2022). Em segundo lugar, a incorporação de estudos de campo, estágios e atividades extracurriculares poderia dar aos estudantes experiência empresarial e ideias construtivas. Finalmente, o processo de aprendizagem poderia apoiar a construção de redes de motivação e comerciais, o que poderia encorajar o envolvimento dos estudantes (Egan et al., 2017).

A educação para o empreendedorismo também pode ser vista como uma disciplina orientada para o desenvolvimento de aptidões e competências transversais relacionadas com a atividade empresarial num vasto leque de estudantes, e não apenas naqueles que pretendem criar uma empresa (Gibb, 1993; Lewis & Massey, 2003). Com o objetivo de criar “empresários”, “empreendedores” e “indivíduos empreendedores” (Heinonen & Poikkijoki, 2006), esta concetualização da educação empresarial é também referida como “empresa para a vida” (Bridge, Hegarty & Porter, 2010). Esta tipologia tem como objetivo desenvolver uma mentalidade de autossuficiência e empreendedorismo, independentemente do percurso profissional (Gibb, 1993) beneficiando assim um vasto leque de partes interessadas (Jones & Iredale, 2010). Lackéus (2017) sugere que a educação empresarial permite que um estudante se torne mais criativo e inovador, e a disciplina baseia-se numa concetualização do empreendedorismo como reconhecimento e ação baseados na oportunidade. No entanto, a educação empresarial pode não ter tantos eventos emocionais desencadeadores (desenvolvimento de competências) como a educação para o empreendedorismo (Lackéus, 2017).

A educação para o empreendedorismo está centrada tanto na “criação de valor como na criação de empresas”, com o objetivo de tornar os estudantes mais práticos e motivados para o empreendedorismo. Trata-se de módulos ou cursos centrados no empreendedorismo e no desenvolvimento de novos produtos/serviços, que normalmente ensinam informações teóricas e práticas relacionadas com a criação de uma empresa, bem como o desenvolvimento de competências para os preparar para os empreendimentos empresariais ou intraempresariais (Fayolle et al., 2006 & Lackéus, 2017).

Os desenvolvimentos recentes incluem cursos com temas como effectuation, business model canvas, lean start-up e design thinking (Lackéus, 2015; Ramsgaard & Christensen, 2016); hackathons (Clinton & Lyons, 2016); e mentoria (Hägg & Politis, 2017). Ao nível do currículo, a maioria dos cursos de empreendedorismo irlandeses utiliza a criação de um plano de negócios como foco principal (Clinton & Lyons, 2016). Como melhor prática, Nabi et al., (2016:5) seguiram um formato inspirado no Reino Unido na sua conceção curricular, incorporando o seguinte no seu programa de educação empreendedora do primeiro ano:

a. Uma componente lecionada que se centra nas oportunidades de empreendedorismo;

- b. Uma componente prática que se centra nas ferramentas e competências necessárias para a jornada empreendedora;
- c. Uma componente de grupo que permite aos alunos selecionar a sua melhor ideia, transformá-la num plano de negócios e apresentá-la aos tutores;
- d. Uma componente de reflexão que incorpora uma carteira individual de atividades e desenvolvimento;
- e. Uma componente mais alargada de gestão empresarial que inclui tópicos, por exemplo, finanças, negócios internacionais, etc.

Apesar dos benefícios destacados, há aspetos da literatura existentes considerados limitadores. Como campo de pesquisa, Duval-Couetil (2013) observa que a educação empresarial tem muitas características que tornam a sua avaliação desafiadora. Em primeiro lugar, é uma disciplina jovem e não totalmente definida; a sua heterogeneidade limita a padronização entre estudantes, faculdades e instituições; coloca ênfase em elementos práticos; tem muito envolvimento das partes interessadas; e tem um foco externo no desenvolvimento económico. Henry & Lewis (2018), na sua revisão de estudos, sugeriram que a maioria dos estudos sobre educação empresarial carece de complexidade teórica ou baseia-se num número escasso de estruturas teóricas recorrentes. Como resultado, a obtenção de orientações sobre pedagogia e avaliação tem sido uma questão complicada para os académicos. Os desafios para o campo e para a sua investigação incluem a necessidade de rigor metodológico e o impacto dos fatores antecedentes e da autoseleção (Fayolle & Gailly, 2015).

## **2. Metodologia**

Este trabalho teve como objetivos identificar interesses formativos na área do empreendedorismo educacional dos docentes e averiguar a motivação para a participação em propostas formativas relacionadas com esta temática.

A investigação resultou da recolha de informação através da aplicação de uma entrevista por questionário composta por 13 perguntas fechadas dirigido aos professores dos diversos graus de ensino, desde o Básico ao Superior, passando pelo Ensino Profissional e da pesquisa em publicações científicas alusivas à educação empreendedora e ao empreendedorismo educacional.

A metodologia utilizada foi a análise documental baseada na consulta de artigos científicos e trabalhos de investigação relacionados com a temática em apreço, uma análise quantitativa e qualitativa em termos de tratamento da informação recolhida, a partir do questionário e cuja amostra foi de 310 professores ou seja 5,3% dos professores que a RAM tem nas 160 escolas. Por fim, recorreu-se também à análise descritiva e inferencial a nível dos resultados e conclusões apresentadas.

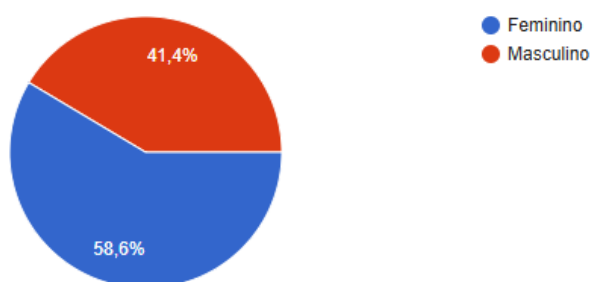
Para uma melhor perceção dos resultados obtidos apresentamos gráficos inerentes a cada questão efetuada, utilizando a escala de *Likert* e que, no seu conjunto, refletem as respostas dadas pelos inquiridos, facilitando a interpretação e as conclusões acerca das mesmas.

### 3. Análise dos resultados

Após uma análise atenta às respostas dadas pelos 310 professores dos diversos graus de ensino verificou-se o seguinte:

Quanto ao género, 56,6 %, ou seja 181 dos professores inquiridos são do sexo feminino e 41,4 % - 129 professores são do sexo masculino (cf. Gráfico 1).

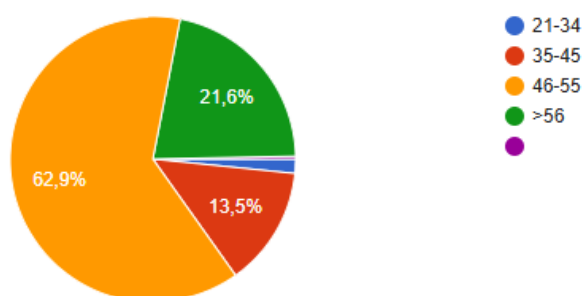
Gráfico 1 – Género dos professores inquiridos



Fonte: Elaboração própria.

Em relação às idades dos professores que responderam ao questionário constatou-se que o grupo etário mais significativo foi dos 46-55 anos, com 62,9 %, ou seja, 195 professores, seguindo-se o grupo dos maiores de 56 anos, com 21,6 % (67 professores), o grupo dos 35-45 anos, com 13,5 % (42 professores), totalizando estes três grupos 98 % dos professores e, por fim, o grupo dos 21-34 anos, com 2 %, correspondendo a apenas 6 professores (vide Gráfico 2).

Gráfico 2 – Idades dos professores

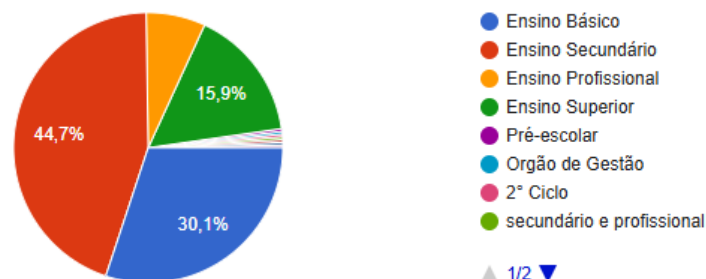


Fonte: Elaboração própria.

No tocante ao grau de ensino que os professores estão a lecionar, verificou-se que 44,7 % - 138 dos professores encontram-se no ensino secundário, 30,1 % - 93 dos professores no ensino básico, 15,9 % - 49 dos professores no ensino superior, 7,1 - 22 dos

professores no ensino profissional e 2,2 % - 8 dos professores nas outras situações profissionais (cf. Gráfico 3).

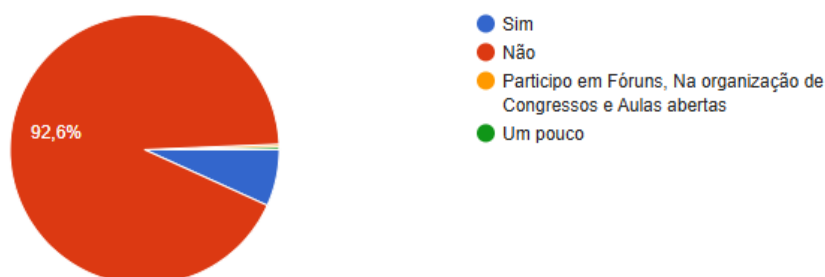
Gráfico 3 – Graus de ensino que os professores lecionam



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à questão - Se têm formação a nível do empreendedorismo, 92,6 % - 287 dos professores responderam não, enquanto que 6,8 % - 21 dos professores e os restantes 0,6 % responderam que sim, o que corresponde a 23 professores com formação (vide Gráfico 4).

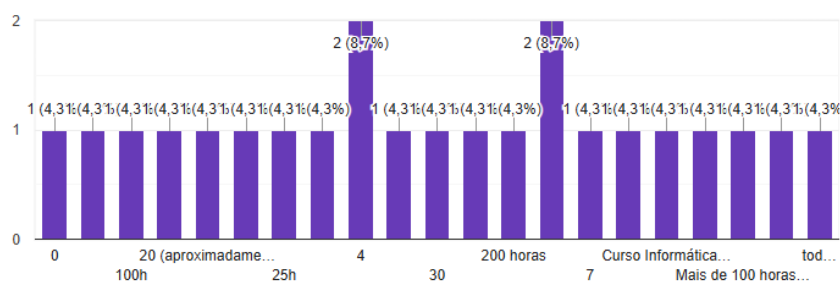
Gráfico 4 – Professores com ou sem formação a nível do empreendedorismo



Fonte: Elaboração própria.

Quanto aos professores que têm formação na área do empreendedorismo, 8 dos professores fizeram 25 a 100 horas de formação, 7 professores fizeram 200 horas de formação e 6 mais de 100 horas de formação (cf. Gráfico 5).

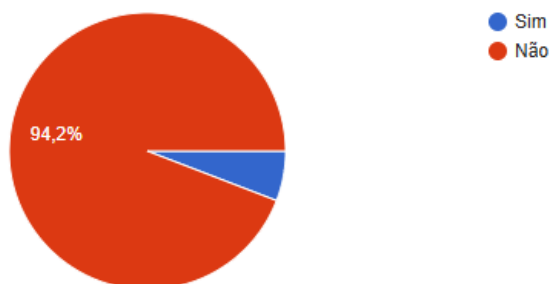
Gráfico 5 – Horas de formação realizadas pelos professores



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à questão - Participou em algum projeto de empreendedorismo na sua Escola, 94,2 % - 291 dos professores inquiridos não participaram em nenhum projeto e apenas 5,8 % - 18 dos professores responderam que sim (vide Gráfico 6).

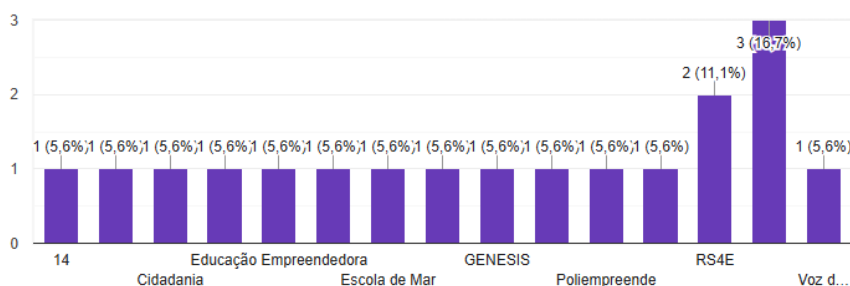
Gráfico 6 – Participação em projetos de empreendedorismo na escola



Fonte: Elaboração própria.

Em termos de projetos que os professores participaram, destacamos os seguintes: RS4e; poliempreendedorismo; GENESIS; Escola do Mar; Educação Empreendedora e formação na área da cidadania (cf. Gráfico 7).

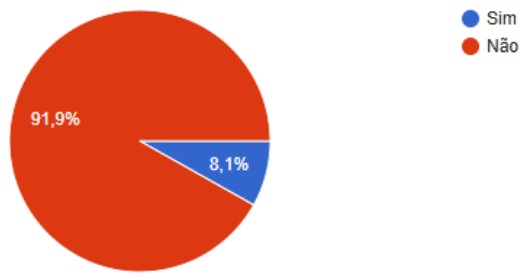
Gráfico 7 – Designação dos projetos que os professores participaram



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à participação dos professores em conferências ou outros eventos sobre o empreendedorismo, 91,9 % - 283 dos professores inquiridos nunca participaram em nenhum evento e apenas 8,1 %, ou seja, 25 dos professores participaram em eventos relacionados com o empreendedorismo (cf. Gráfico 8).

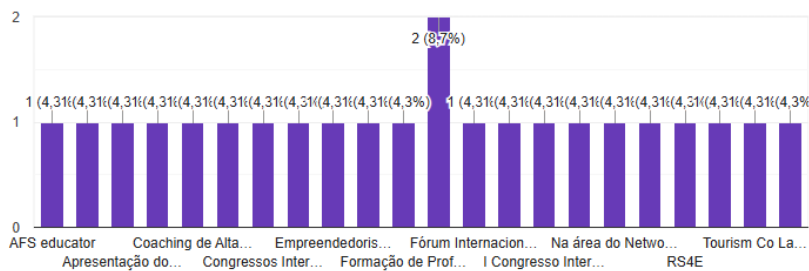
Gráfico 8 – Participação dos professores em eventos sobre empreendedorismo



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à designação dos eventos que os professores participaram, destacamos os seguintes: Fórum Internacional Permanente de Educação para o empreendedorismo; Congressos Internacionais; Coaching de Alta Performance Emocional; Programa Golden; RS4e; Empreendedorismo Empresarial; Network Marketing; Tourism Co Lab; I Congresso Internacional Municípios Promotores do Empreendedorismo e Formação de Professores: Contributos da Investigação (cf. Gráfico 9).

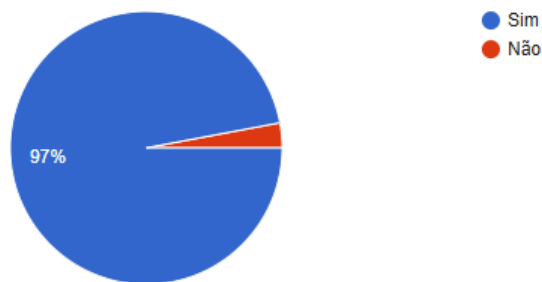
Gráfico 9 – Eventos que os Professores participaram



Fonte: Elaboração própria.

No tocante à questão: Do seu ponto de vista é importante que os professores tenham formação a nível do empreendedorismo educacional, 97 % - 296 dos professores inquiridos consideraram importante e 3 % - 9 dos professores inquiridos acha que não é importante (vide Gráfico 10).

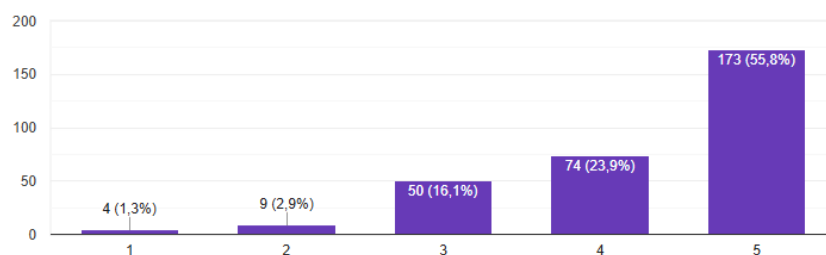
Gráfico 10 – Resposta dos professores quanto à importância da formação



Fonte: Elaboração própria.

Em relação à questão: Concorda com a existência de uma disciplina onde conste conteúdos na área do empreendedorismo, a partir do 2º ciclo de escolaridade, 55,8 % - 173 dos professores inquiridos concordam totalmente, 23,9 % - 74 dos professores concordam, 16,1 % - 50 dos professores não concordam nem discorda; 2,9 % - 9 dos professores discordam e apenas 1,3 % - 4 dos professores discorda totalmente (cf. Gráfico 11).

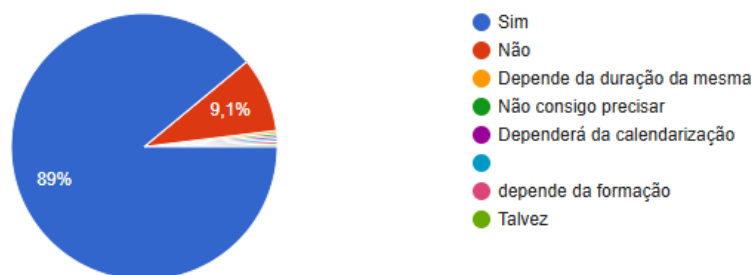
Gráfico 11 – Professores que concordam com conteúdos numa disciplina de empreendedorismo



Fonte: Elaboração própria.

Quanto à questão: Gostava de frequentar um curso ou ação de formação na área do empreendedorismo educacional, 89 % - 275 dos professores inquiridos responderam que sim, 9,1 % - 28 dos professores responderam que não e apenas 0,9 % dos professores responderam que depende da formação, da sua duração, da calendarização e talvez (vide Gráfico 12).

Gráfico 12 – Professores que estão dispostos a fazer formação a nível do empreendedorismo



Fonte: Elaboração própria.

#### 4. Conclusões

Após uma pesquisa aprofundada sobre o empreendedorismo educacional nos diversos graus de ensino, constatou-se que existem poucos trabalhos de investigação científica acerca desta temática, quer a nível nacional, quer a nível mundial. Para que o estudante tenha uma formação consistente e vocacionada para o seu futuro profissional é fundamental que o ensino do empreendedorismo seja contemplado o mais cedo possível na vida escolar

de cada criança ou jovem e, por isso, as escolas devem ter professores com formação específica nesta área do conhecimento e que a mesma prepare os alunos para o mundo do trabalho.

Considerando que a educação para o empreendedorismo está centrada tanto na “criação de valor como na criação de empresas”, com o objetivo de tornar os estudantes mais práticos e motivados para o empreendedorismo, seria fundamental na formação individual de cada aluno, obterem conhecimentos sobre esta temática e, neste sentido, deveriam existir disciplinas que contemplassem nos seus conteúdos matérias sobre o empreendedorismo.

O estudo de caso evidencia que os professores estão interessados em obter formação na área do empreendedorismo educacional, pois 97 % - 296 dos professores inquiridos de uma amostra de 310, consideram importante este tipo de formação e 89 % - 275 dos professores, responderam que estão interessados em fazer formação nesta área do conhecimento.

Por outro lado, também ficou demonstrado que 55,8 % - 173 dos professores inquiridos concordam totalmente, com a existência de uma disciplina com conteúdos sobre o empreendedorismo a partir do 2º ciclo de escolaridade, 23,9 % - 74 dos professores concordam e 16,1 % - 50 dos professores não concordam nem discordam.

Verificou-se ainda que 94,2 % - 291 dos professores, não participaram em nenhum projeto na sua escola e apenas 5,8 % - 18 dos professores responderam que tinham participado, assim como 91,9 % - 283 dos professores nunca participaram em nenhum evento e apenas 8,1 %, ou seja, 25 dos professores participaram em eventos ligados ao empreendedorismo.

Este estudo de caso demonstra que na Região Autónoma da Madeira os professores no geral não têm formação na área do empreendedorismo e evidenciaram muito interesse em fazer formação específica sobre esta temática, o que é de salutar, se atendermos a que em todos as atividades o empreendedorismo está presente.

Face às respostas dadas pelos professores, o Governo Regional, mormente a Secretaria Regional da Educação, Ciência e Tecnologia, teria de elaborar programas sobre o empreendedorismo, adaptados aos diversos níveis de ensino, como forma de colmatar esta lacuna na formação integral dos docentes e, por conseguinte dos alunos, acompanhando desta forma a evolução do Ensino-Aprendizagem que está acontecendo nos países onde o empreendedorismo educacional é determinante na formação dos jovens em particular e da sociedade em geral.

## Referências

- Alonso, A. (2019). Agrupamento de Escolas Fontes Pereira de Melo. In J. Jardim & J. F. Franco (Eds.). *Empreendipédia: Dicionário de Educação para o Empreendedorismo* (pp.8-9). Gravida. Lisboa.
- Arranz, N.; Ubierna, F.; Arroyabe, M. F.; Perez, C. & Arroyabe, F. D. (2017). The effect of curricular and extracurricular activities on university students' entrepreneurial intention and competence. *Stud. High. Educ.* 42, pp. 1979-2008. doi: 10.1080/03075079.2015.1130030
- ASE. (2014). Entrepreneurship Spirit Programme-2011-14. Walloon Agency for Economic Stimulation Walloon Region, 2011-2014. from <http://ase.be/content/le-programme-wallon-exprit-dontrendre>

- Bae, T. J.; Qian, S.; Miao, C. & Fiet, J. O. (2014). The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: a meta-analytic review. *Entrep. Theory Pract.* 38, pp. 217-254. doi: [10.1111/etap.12095](https://doi.org/10.1111/etap.12095)
- Berglund, K.; Lindgren, M. & Packendorff, J. (2017). Responsibilising the next generation: fostering the enterprising self through de-mobilising gender. *Organization*, vol. 24, nº 6, pp. 892-915, <https://doi.org/10.1177/1350508417697379>
- Bridge, S.; Hegarty, C. & Porter, S. (2010). Rediscovering Enterprise: Developing Appropriate University Entrepreneurship Education. *Education and Training*, 52(8/9), pp. 722-734.
- Chlosta, S.; Patzelt, H.; Klein, S. B. & Dormann, C. (2012). Parental role models and the decision to become self-employed: the moderating effect of personality. *Small Bus. Econ.* 38, pp. 121-138. doi: [10.1007/s11187-010-9270-y](https://doi.org/10.1007/s11187-010-9270-y)
- Clinton, E. & Lyons, R. (2016). *GUESSS National Report 2016 Ireland*. Dublin. Available from: [http://www.guesssurvey.org/resources/nat\\_2016/GUESSS\\_Report\\_2016\\_Ireland.pdf](http://www.guesssurvey.org/resources/nat_2016/GUESSS_Report_2016_Ireland.pdf)
- Cruz Júnior, J. B. (2006). Empreendedorismo e educação empreendedora: confrontação entre a teoria e prática. *Revista de Ciências da Administração*, n. 8, vol.15, pp. 9-29. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/1003>
- Cui, J.; Sun, J. & Bell, R. (2021). The impact of entrepreneurship education on the entrepreneurial mindset of college students in China: the mediating role of inspiration and the role of educational attributes. *Int. J. Manag. Stud.* 19, 100296. doi: [10.1016/j.ijme.2019.04.001](https://doi.org/10.1016/j.ijme.2019.04.001)
- Cunha, R. A. N. (2008). A universidade na formação de empreendedores: a percepção prática dos 7alunos de graduação. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 28, Curitiba. *Anais*. Curitiba: ENANPAD.
- Daspit, J. J.; Fox, C. J. & Findley, S. K. (2021). Entrepreneurial mindset: an integrated definition, a review of current insights, and directions for future research. *J. Small Bus. Manag.* doi: [10.1080/00472778.2021.1907583](https://doi.org/10.1080/00472778.2021.1907583)
- Dolabela, F. (2008). Oficina do Empreendedor: A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. Rio de Janeiro: Sextante.
- Duval-Couetil, N. (2013). Assessing the impact of entrepreneurship education programs: Challenges and approaches. *Journal of Small Business Management*, 51(3), pp. 394-409.
- Egan, A.; Maguire, R.; Christophers, L. & Rooney, B. (2017). Developing creativity in higher education for 21st century learners: a protocol for a scoping review. *Int. J. Educ. Res.* 82, pp. 21-27. doi: [10.1016/j.ijer.2016.12.004](https://doi.org/10.1016/j.ijer.2016.12.004)
- Elert, N.; Andersson, F. & Wennberg, K. (2015). The impact of entrepreneurship education in high school on long-term entrepreneurial performance. *Journal of Economic Behavior and Organization*, vol. 111, pp. 209-223. <https://doi.org/10.1016/j.jebo.2014.12.020>
- Eurofound (2015). Youth Entrepreneurship in Europe: Values, Attitudes, Policies. Publications Office of the European Union. Luxemburgo.
- European Commission. (2013). *Entrepreneurship Education: A Guide for Educators*. Brussels. 2015 from [http://ec.europa.eu/enterprise/policies/sme/promotingentrepreneurship/files/education/entredumannual-fv\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/enterprise/policies/sme/promotingentrepreneurship/files/education/entredumannual-fv_en.pdf)
- European Commission (2011). Entrepreneurship Education: Enabling Teachers as a Critical Success Factor. A report on Teacher Education and Training to prepare teachers for the challenge of entrepreneurship education. Brussels, 2015, from [http://ec.europa.eu/enterprise/policies/sme/promotingentrepreneurship/files/education/teacher\\_education\\_for\\_entrepreneurship\\_final\\_report\\_en.pdf](http://ec.europa.eu/enterprise/policies/sme/promotingentrepreneurship/files/education/teacher_education_for_entrepreneurship_final_report_en.pdf)
- European Commission (2002). Final Report of the expert group “best procedure” project on education and training for entrepreneurship. Brussels, Belgium.
- Fayolle, A. & Degeorge, J. M. (2019). *Dinâmica empresarial: o comportamento empreendedor*. Instituto Piaget. Lisboa.
- Fayolle, A. & Gailly, B. (2015). The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: Hysteresis and persistence. *Journal of Small Business Management*, 53(1), pp. 75-93.
- Fayolle, A. & Gailly, B. From craft to science (2008). *Journal of European Industrial Training*, vol. 32, nº 7, pp. 569-593. <https://doi.org/10.1108/03090590810899838>
- Fayolle, A.; Gailly, B. & Lassas-Clerc, N. (2006). Assessing the impact of entrepreneurship education programmes: a new methodology. *Journal of European Industrial Training*, 30(9), pp. 701-720.
- Faoite, D. D.; Henry, C.; Johnston, K. & van der Sijde, P. (2003). Education and training for entrepreneurs: a consideration of initiatives in Ireland and The Netherlands. *Education Training*, vol. 45 No 8/9, pp. 430-8, doi: [+http://dx.doi.org/10.1108/00400910310508829](https://doi.org/10.1108/00400910310508829)
- Fejes, A.; Nylund, M. & Wallin, J. (2019). How do teachers interpret and transform entrepreneurship education? *Journal of Curriculum Studies*, vol. 51, nº 4, pp. 554-566. <https://doi.org/10.1080/00220272.2018.1488998>

- Fellnhofer, K. (2019). Toward a taxonomy of entrepreneurship education research literature: a bibliometric mapping and visualization. *Educational Research Review*, vol. 27, pp. 28-55. <https://doi.org/10.1016/j.edurev.2018.10.002>
- FFE-YE (2013). Foundation for Entrepreneurship - Young Enterprise (FFE-YE). Denmark.2010-2013.
- Fornell, C. & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *J. Mark. Res.* 18, pp. 39-50. doi: [10.1177/002224378101800104](https://doi.org/10.1177/002224378101800104)
- Frank, H; Korunka, C.; Lueger, M. & Mugler, J. (2005). Entrepreneurial orientation and education in Austrian secondary schools. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, Vol. 12 Iss. 2 pp. 259-273. Doi: <http://dx.doi.org/10.1108/14626000510594647>
- Freire, M.T. (2015). Entrepreneurship education. Review of the economic literature. *Iberian Journal of the History of Economic Thought*, 2 (2), pp. 82-100.
- Galinha, S.; Vala, P. G.; Jardim, J. & Pereira, A. (2016). Leadership Perceptions of Teachers Who Hold Positions of Leadership, Management and Coordination. *Interações*, 43 (42), pp. 32-43.
- Garavan, T. & O'Conneide, B. (1994a). Entrepreneurship education and training programmes: a review and evaluation - part 1. *Journal of European Industrial Training*, vol. 18, nº 8, pp. 3-12. Doi: <http://dx.doi.org/10.1108/03090599410073505>
- Garavan, T. & O'Conneide, B. (1994b). Entrepreneurship education and training programmes: a review and evaluation - part 2. *Journal of European Industrial Training*, Vol. 18, nº 8, pp. 13-21. Doi: <http://dx.doi.org/10.1108/03090599410068024>
- Gautam, K. M. & Singh, K. S. (2015). Entrepreneurship Education: concept, characteristics and implications for teacher education. *Shaikshik Parisamvad*. SPIJE, vol. 5, nº 1, p. 27.
- Geller, G.; Tambor, E. S.; Chase, G. A. & Holtzman, N. A. (1993). Measuring physicians' tolerance for ambiguity and its relationship to their reported practices regarding genetic testing. *Med. Care*. 31, pp. 989-1001. doi: [10.1097/00005650-199311000-00002](https://doi.org/10.1097/00005650-199311000-00002)
- Gibb, A. (2011). Concepts into Practice: Meeting the Challenge of Development of Entrepreneurship Educators around and Innovative Paradigm. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, pp. 146-165.
- Gibb, A. (1993). The enterprise culture and education: understanding enterprise education and its links with small business, entrepreneurship and wider educational goals. *International Small Business Journal*, vol. 11, nº 3, pp. 3-11.
- Gibb, A. (1987). Designing effective programmes for encouraging the business start-up process: lessons from U.K experience. *Journal of European Industrial Training*, vol. 11, nº 4. <https://doi.org/10.1108/eb002229>
- [Góis, E. H. B. \(2020\). Panorama dos cursos profissionalizantes de nível médio presencial da rede estadual de ensino do Estado do Paraná. Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica. vol. 1, nº18.](#)
- Gomes, M. S. (2017). Educação empreendedora como política pública de desenvolvimento: um estudo do Projeto Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP). Dissertação de Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local – Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia em Vitória, EMESCAM.
- Greene, P. G.; Brush, G. C.; Eisenman, J. E.; Neck, H. & Perkins, S. (2015). *Entrepreneurship education: a global consideration from practice to policy around the world*. Qatar University.
- Hägg, G. & Politis, D. (2017). Formal mentorship in experiential entrepreneurship education: Examining the conditions for entrepreneurial learning among students. IN: Santos, S., Caetano, A., Mitchell, C., Landström, H and Fayolle, A. (Eds), *The emergence of entrepreneurial behaviour: Intention, Orientation, and Education*. *European Research in Entrepreneurship*, Edward Elgar Publishing, Cheltenham, pp. 112-139.
- Heinonen, J. & Poikkijoki, S. A. (2006). An entrepreneurial-directed approach to entrepreneurship education: mission impossible? *Journal of Management Development*, 25(1), pp. 80-94.
- Henry, C. & Lewis, K. (2018). A review of entrepreneurship education research: Exploring the contribution of the Education+ Training special issues. *Education and Training*, 60 (3), pp. 263-28.
- Hytti, U.; Stenholm, P.; Heinonen, J. & Seikkula-Leino, J. (2010). Perceived learning outcomes in entrepreneurship education: the impact of student motivation and team behavior. *Educ. Train.* 50, pp. 587-606. doi: [10.1108/00400911011088935](https://doi.org/10.1108/00400911011088935)
- [Hungria, F. J. de Azevedo. \(2022\). Relato da experiência: uma abordagem multidisciplinar utilizando o método Temac na revisão analítica de literatura do empreendedorismo. Florianópolis. vol. 11, nº 1.](#)
- Jaana, S. L.; Ruskovaara, E.; Ikavalko, M.; Mattila, J. & Rytikola, T. (2010). Promoting entrepreneurship education: the role of the teacher? *Education + Training*, vol. 52, Iss. 2, pp. 117-127, doi: <http://dx.doi.org/10.1108/00400911011027716>
- Jack, S. L. & Anderson, A. R. (1999). Entrepreneurship education within the enterprise culture: producing reflective practitioners. *Int. J. Entrep. Behav. Res.* 5, pp. 110-125. doi: [10.1108/13552559910284074](https://doi.org/10.1108/13552559910284074)
- Jardim, J. (2022). 365 + Dicionário de Empreendedorismo. Edição: Mais Leituras, ISBN: 978-989-730-079-0.

- Jardim, J. (2021). *Empreende - Manual Global de Educação para a Empreendedorismo*. Edição: Mais Leituras, ISBN: 978-989-730-075-2, Aveiro.
- Jardim, J. & Franco, J. E. (2019). *Empreendipédia: Dicionário de Educação para o Empreendedorismo*. Gradiva, Lisboa.
- Jones, B. & Iredale, N. (2010). Enterprise education as pedagogy. *Education and Training*, 52 (1), pp. 7-19.
- Krueger, N. (2015). *Entrepreneurial Education in Practice: Part 1 - The Entrepreneurial Mindset*. Paris: OECD.
- Krueger, N. F.; Reilly, M. D. & Carsrud, A. L. (2000). Competing models of entrepreneurial intentions. *J. Bus. Ventur.* 15, pp. 411-432. doi: [10.1016/S0883-9026\(98\)00033-0](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(98)00033-0)
- Kuh, G. D. (2001). Assessing what really matters to student learning inside the national survey of student engagement. *Change* 33, pp. 10-17. doi: [10.1080/00091380109601795](https://doi.org/10.1080/00091380109601795)
- Lackéus, M. (2017). Can Entrepreneurial Education Escape Being Caught Between Marginal ('the Devil') and Irrelevant ('the Deep Blue Sea') Practices?. In ECSB 3E *Entrepreneurship Education Conference*, pp. 10-12.
- Lackéus, M. (2015). Entrepreneurship in education: What, why, when, how. *Background paper for OECD-LEED*. Available from: [http://www.oecd.org/cfe/leed/BGP\\_Entrepreneurship-in-Education.pdf](http://www.oecd.org/cfe/leed/BGP_Entrepreneurship-in-Education.pdf)
- Lewis, K. & Massey, C. (2003). Delivering enterprise education in New Zealand. *Education and Training*, 45(4), pp. 197-206.
- Li, L. & Wu, D. (2019). Entrepreneurial education and students' entrepreneurial intention: does team cooperation matter? *J. Glob. Entrep. Res.* 9, pp. 1-13. doi: [10.1186/s40497-019-0157-3](https://doi.org/10.1186/s40497-019-0157-3)
- Martin, B. C.; McNally, J. J. & Kay, M. J. (2013). Examining the formation of human capital in entrepreneurship: A meta-analysis of entrepreneurship education outcomes. *Journal of business venturing*, 28(2), pp. 211-224. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2012.03.002>
- Matlay, H. & Mitra, J. (2002). Entrepreneurship and learning: The double act in the triple helix. *The International Journal of Entrepreneurship and Innovation*, vol. 3, nº 1, doi: <http://dx.doi.org/10.5367/000000002101298999>
- Mcmullan, W. & Long, W. A. (1987). Entrepreneurship Education in the Nineties. *Journal of Business Venturing*, vol. 2, nº 3, pp. 261-275. [https://doi.org/10.1016/0883-9026\(87\)90013-9](https://doi.org/10.1016/0883-9026(87)90013-9)
- Motta, V. & Galina, S. (2023). Experiential learning in entrepreneurship education: a systematic literature review. *Teaching and Teacher Education*, vol. 121. <https://doi.org/10.1016/j.tate.2022.103919>
- Mwasalwiba, E. (2010). Entrepreneurship education: a review of its objectives, teaching methods, and impact indicators. *Education and Training*, vol. 52, nº 1, pp. 20-47. <https://doi.org/10.1108/00400911011017663>
- Nabi, G.; Walmsley, A.; Liñán, F.; Akhtar, I. & Neame, C. (2018). Does entrepreneurship education in the first year of higher education develop entrepreneurial intentions? The role of learning and inspiration. *Stud. High. Educ.* 43, pp. 452-467. doi: [10.1080/03075079.2016.1177716](https://doi.org/10.1080/03075079.2016.1177716)
- Nabi, G.; Walmsley, A.; Liñán, F.; Akhtar, I. & Neame, C. (2016). Does entrepreneurship education in the first year of higher education develop entrepreneurial intentions? The role of learning and inspiration. *Studies in Higher Education*, pp. 1-16.
- Nadelson, L. S.; Palmer, A. D.; Benton, T.; Basnet, R.; Bissonnette, M. & Cantwell, L. (2018). Developing next generation of innovators: teaching entrepreneurial mindset elements across disciplines. *Inter. J. High. Educ.* 7, pp. 114-126. doi: [10.5430/ijhe.v7n5p114](https://doi.org/10.5430/ijhe.v7n5p114)
- Nielsen, S. L. & Stovang, P. (2015). DesUni: university entrepreneurship education through design thinking. *Education + Training*, n. 57, v. 8/9, pp. 977-991.
- ONU - Organização das Nações Unidas. (2015). Transformando o nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.
- Pfeifer, S.; Šarlija, N. & Zekić Sušac, M. (2016). Shaping the entrepreneurial mindset: entrepreneurial intentions of business students in Croatia. *J. Small Bus. Manag.* 54, pp. 102-117. doi: [10.1111/jsbm.12133](https://doi.org/10.1111/jsbm.12133)
- Pereira, A.; Oliveira, C. A.; Bártolo, A.; Monteiro, S.; Vagos, P. & Jardim, J. (2019). Reliability and Factor Structure of the 10-item Kessler Psychological Distress Scale (K10) among Portuguese Adults. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24 (3), pp. 729-736.
- Pittway, L. & Cope, J. (2007). Entrepreneurship education: a systematic review of the Evidence. *International Small Business Journal*, vol. 25, nº 5, pp. 479-510, doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0266242607080656>
- Porfírio, J. A. (2019). Empreendedorismo. In J. Jardim & J. E. Franco (Eds.), *Empreendipédia: Dicionário de Educação para o Empreendedorismo*, pp. 249-235. Gradiva, Lisboa.
- Rahman, H. & Day, J. (2015). Involving the entrepreneurial role model: a possible development for entrepreneurship education. *Journal of Entrepreneurship Education*, vol. 18 e vol.1, pp. 86-95.
- Ramsgaard, M. B. & Christensen, M. E. (2016). Interplay of entrepreneurial learning forms: a case study of experiential learning settings. *Innovations in Education and Teaching International*, pp. 1-10.
- Rasmussen, E. & Wright, M. (2015). How can universities facilitate academic spin-offs? An entrepreneurial competency perspective. *The Journal of Technology Transfer*, 40 (5), pp. 782-799. <https://doi.org/10.1007/s10961-014-9386-3>

- Ratten, V. & Usmanij, P. (2021). Entrepreneurship education: time for a change in research direction?. *The International Journal of Management Education*, vol. 19, nº 1. <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2020.100367>
- Rauch, A. & Hulsink, W. (2015). Putting entrepreneurship education where the intention to act lies: an investigation into the impact of entrepreneurship education on entrepreneurial behavior. *Acad. Manag. Learn. Educ.* 14, pp. 187-204. doi: 10.5465/amle.2012.0293
- Rocha, A.; Moraes, G.; Voda, A. & Quadros, R. (2023). Análise comparativa de modelos de intenção empreendedora: Autoeficácia versus características empreendedoras. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, vol. 24, pp. 1-35. <https://doi.org/10.1590/1678-6971/eramg230209.en>
- Saes, D. X. & Pita, F. H. S. (2007). Empreendedorismo no ensino superior: uma abordagem teórica. *Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais*, vol. 4, nº 2, pp. 33-41. Disponível em: <http://www.maringamanagement.com.br/novo/index.php/ojs/article/view/84/47>
- Sanchez, J. (2013). The impact of an entrepreneurship education program on entrepreneurial competencies and intention. *Journal of Small Business Management*, vol. 51, nº 3, pp. 447-465. <https://doi.org/10.1111/jsbm.12025>
- Santos, S. C.; Neumeyer, X. & Morris, M. H. (2019). Entrepreneurship education in a poverty context: an empowerment perspective. *J. Small Bus. Manag.* 57 (Supp.1), pp. 6-32. doi: 10.1111/jsbm.12485
- Sarasvathy, S. & Venkataraman, S. (2011). Entrepreneurship as method: open questions for the entrepreneurial future. *Entrepreneurship Theory and Practice*, vol. 35, nº 1, pp. 113-135. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2010.00425>
- Sarkar, S. (2014). *Empreendedorismo e Inovação* (3ª ed. Ver. E aumentada). Escolar. Lisboa.
- Santos, J. R. (2012). A Moodle nas práticas pedagógicas de uma escola básica: realidade ou ficção na inserção das TIC em sala de aula. *Educação, Formação e Tecnologias*, nº 5, vol. 1, pp. 72-83. Disponível em: <http://www.eft.educom.pt/index.php/eft/article/view/280/159>
- Schaefer, R. & Minello, I. F. (2017). A formação de novos empreendedores: natureza da aprendizagem e Educação Empreendedora. *Revista da Micro e Pequena Empresa, Campo Limpo Paulista*, vol. 11, nº 3, pp. 2-20. <http://dx.doi.org/10.21714/19-82-25372017v11n3p220>
- Schmidt, S. & Bohnenberger, M. C. (2008). A efetividade das ações para promover o empreendedorismo: o caso da FEEVALE. *REAd Revista Eletrônica de Administração*, vol. 14, nº 1, pp. 1-27. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/read/article/view/39269/25117>
- SEBRAE (2022). Relatório de Inteligência. [Digital.sebrae.com.br](https://www.sebrae.com.br)
- Seikkula-Leino, J. (2015). How do Finnish teacher educators implement entrepreneurship education? *Education + Training*, vol. 57, nº 4, pp. 392-404.
- Sexton, D. & Bowman, N. (1984). Entrepreneurship education: suggestions for increasing effectiveness. *Journal of Small Business Management*, vol. 22, nº 2, pp. 18-26
- Silva, C.; Pereira, E. & Guimarães, J. (2021). Educação empreendedora no ensino superior: uma análise sob a perspectiva dos estudantes de administração. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, vol. 15, nº 4, pp. 82-100. <https://doi.org/10.12712/rpca.v15i4.51262>
- Sieger, P.; Fueglistaller, U.; & Zellweger, T. (2014). *Student Entrepreneurship Across the Globe: A Look at Intentions and Activities*. St. Gallen: Swiss Research Institute of Small Business and Entrepreneurship at the University of St. Gallen (KMU-HSG).
- Solesvik, M. Z.; Westhead, P.; Matlay, H. & Parsyak, V. N. (2013). Entrepreneurial assets and mindsets: benefit from university entrepreneurship education investment. *Educ. Train.* 55, pp. 748-762. doi: 10.1108/ET-06-2013-0075
- Souza, S. A. (2012). A introdução do empreendedorismo na educação brasileira: primeiras considerações. *Educação e Linguagem*. vol. 15, nº 26, pp. 77-94.
- Sutter, C., Bruton, G. D. & Chen, J. (2019). Entrepreneurship as a solution to extreme poverty: a review and future research directions. *J. Bus. Ventur.* 34, pp. 197-214. doi: 10.1016/j.jbusvent.2018.06.003
- Tavares, C. E. M. (2013). Educação empreendedora e a geração de novos negócios. *Observatorio de la Economía Latino Americana*, nº 188. Disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/13/empreendedorismo.html>
- Timmons, J. A. (1989). *The Entrepreneurial Mind. Brick House*. Andorra, MA.
- Uribe-Toril, J. (2008). Business incubation as a source of synergies between companies in local development. Universidad de Almería.
- Vesper, K. & Gartner, W. (1997). Measuring progress in entrepreneurship education. *Journal of Business Venturing*, vol. 12, pp. 403-421. [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(97\)00009-8](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(97)00009-8)
- Viana Neto, A. A. & Sarmiento, J. N. P. (2018). WQ na formação contínua de professores da Educação Profissional e Tecnológica. *CIET: EnPED, 2018: Educação e Tecnologias: docência e mediação pedagógica*.
- Wang, Q.; Sun, Z. & Wu, C. (2021). The impact of university innovation and entrepreneurship education on entrepreneurial intention from the perspective of educational psychology. *Front. Psychol.* 12, 745976. doi: 10.3389/fpsyg.2021.745976

- Wu, L.; Jiang, S.; Wang, X.; Yu, L.; Wang, Y. & Pan, H. (2022). Entrepreneurship education and entrepreneurial intentions of college students: the mediating role of entrepreneurial self-efficacy and the moderating role of entrepreneurial competition experience. *Front. Psychol.* 12, 727826. doi: [10.3389/fpsyg.2021.727826](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.727826)
- Zapkau, F. B.; Schwens, C.; Steinmetz, H., & Kabst, R. (2015). Disentangling the effect of prior entrepreneurial exposure on entrepreneurial intention. *J. Bus. Res.* 68, pp. 639-653. doi: [10.1016/j.jbusres.2014.08.007](https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2014.08.007)
- Zhang, J. & Huang, J. (2021). Entrepreneurial self-efficacy mediates the impact of the post-pandemic entrepreneurship environment on college students' entrepreneurial intention. *Front. Psychol.* 12, 643184. doi: [10.3389/fpsyg.2021.643184](https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.643184)
-